

ANAIS DA I JORNADA DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DE PARINTINS



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE
PARINTINS PARINTINS
2016

Weberson Fernandes Grizoste
(Org.)

Anais da I Jornada de Estudos Clássicos e Humanísticos de Parintins

<https://amazonas.academia.edu/latinitas>

<facebook.com/latinitates>

Arte da capa: Thiago Godinho

ISBN: 978-85-7883-432-6

E-ISBN: 978-85-7883-431-9

Centro de Estudos Superiores de Parintins
Universidade do Estado do Amazonas
Parintins – AM
2016

- ARISTÓTELES, *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: ARS Poética, 1992.
- BERGSON, Henri. *O riso. Ensaio sobre a significação da comicidade*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CASTRO, Alice Viveiros de. *O Elogio da Bobagem – palhaços no Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.
- MAIA, Gleidys. *A Antitradução Literária Brasileira*. Manaus, AM: UEA, 2013.
- POMPEU, Ana Maria. [et al.], (Orgs.). *O Riso no mundo antigo*. Fortaleza, Expressão gráfica e editora, 2012.
- PLAUTO, *O Anfitrião*. Trad. Carlos Alberto Louro Fonseca, Coimbra, Festeia, 2002.

Uma Teia Clássica

Nívia Maria Messias Ribeiro⁷ (UEA)
 (Orientador): Weberson Fernandes Grizoste (UEA)
 (Orientadora) Patrícia Christina dos Reis (UEA)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo fazer diálogos sob o olhar da Estética da Recepção refletido por Hans Robert Jauss. Na ocasião em que ele afirma *que os autores/leitores trazem fatos e acontecimentos de outras sociedades para dentro de suas próprias obras*. Wolfgang Iser, por sua vez, ocupou-se da teoria do efeito e cogita sobre *o que o texto causa àquele que o lê*. Zilberman vem analisar a valoração e recepção através de outros vieses e pensa a literatura de uma forma mais sociológica (GOMES, 2009, p. 38). Para tais diálogos selecionamos as obras: *A comédia da cestinha*, de Plauto, para comparar-se a obra *Otelo, o mouro de Veneza* de Shakespeare, *Leonor de Mendonça* de Gonçalves Dias e *Dom Casmurro* de Machado de Assis. Considerando que cada uma destas obras fazem parte da formação literária de contextos históricos distintos. Atribui-se que quando os textos são revisitados, eles se tornam novos e com uma carga de influências de outros povos, de outras culturas, de outros costumes, cujas influências causam efeito no leitor e ajudam o mesmo a ser um produtor de sentido. NB: As citações de *A Comédia da Cestinha* seguem a versão poética de Aires Pereira do Couto, e a indicação dos versos latinos assinaladas pelo orientador do artigo.

⁷ Graduada em Letras (UEA).

Palavras-chave: Recepção; Plauto; Shakespeare; Gonçalves Dias, Machado de Assis.

Introdução

As literaturas clássicas se mostram como uma base para todo o conhecimento, para todas as áreas de estudos. Pensando dessa forma, objetivou-se o assunto deste trabalho. Pelos estudos clássicos nos remeterem a algo ou situação que se assemelham ancoradas por Jauss(19) ao lermos uma ou outra obra, a começar pelas obras cômicas de Plauto. A estética da recepção permite essa semelhança porque é capaz de nos fazer refletir acerca de temas que dialogam uns com os outros. A hermenêutica literária tem dois modos de recepção: de um lado, aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o seu significado do texto é sempre recebido e interpretado diferentemente por leitores de tempos diversos (Jauss; 1979, 46 *Apud* GRIZOSTE, 2003 p. 38). Neste contexto ao lermos as obras de Shakespeare, elas nos remetem a fatos e situações semelhantes as do greco-romanos, a partir de então, podem também ser observadas ao lermos *Leonor de Mendonça* de Gonçalves Dias. Seleccionamos a obra cômica de Plauto, *A Comédia da Cestinha*, para tecermos semelhanças em relação as outras obras que servem como objeto de estudo deste texto. Considerando que cada obra imitada, Iser (1979 *apud* Lima) defende que após a leitura, começa um processo de efeito, ele defende que ao lermos um texto, podemos recriarmos usando nosso próprio imaginário. Ressaltando o contraste entre as obras que estudamos é de que a obra Plautina é uma comédia, a shakespeariana e a gonçalvina, tratam-se de tragédias e *Dom Casmurro* é um romance. Ou seja, o que diferencia são apenas os gêneros em que as obras estão inseridas, o que não nos impede de analisá-las. Pois assim como já foi mencionado, a Estética da Recepção permite que façamos esses diálogos entre obras literárias. De acordo com Jauss (*Apud* Lima, 1979), essa teoria surgiu como uma tentativa de livrar o modo em que o autor/leitor tem de expressar sua interpretação da forma e contexto em que compreende e está inserido. Deixando um pouco de lado o estruturalismo, pois para ele só servia para beneficiar os escritores canônicos.

Portanto, não importa ler e interpretar à sua própria estética, à sua maneira de receber os textos, pois de acordo com o teórico esteta, qualquer um dos gêneros literários são passíveis de interpretações. Atualmente vivemos em um período que a experiência estética recebe muito mais informações, pois a tecnologia é supervalorizada no campo artístico, onde as releituras são adaptadas ao gosto do público moderno. Mas o leitor só consegue observar as releituras, que já conhece, pois as matrizes supostamente são greco-romanas, apesar das disparidades de opiniões em relação a arqueologia.

Estética da Recepção nas obras literárias: *A Comédia da Cestinha (Cistellaria)*, *Otelo*, *o Mouro de Veneza*, *Leonor de Mendonça e Dom Casmurro*

Voltando à história, a uns dois mil e cem anos atrás, as leituras que os autores fizeram enquanto leitores causaram efeitos em suas memórias empíricas e eles produziram belas artes, chamadas de dramas. A obra plautina vem trazer um contexto, onde um homem apaixonado como Alcesimarco, faz loucuras por causa de Selênio, sua amada. Tenta tirar a vida de uma forma cômica, o ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que sendo feia e disforme, não tem expressão de dor (*Poética* 1449a). Alcesimarco jura de morte a filha e a mãe adotiva, no momento de raiva, causada por ciúme, pelo fato da moça ser criada por uma cortesã, certamente o amado imaginava seu destino, o ciúme é um sentimento muito frequente e vem acompanhado de raiva, ódio e vingança em todas as obras desta teia. *Então que tu e todos os deuses saibam a minha decisão. Se eu não puder mais dar um beijo sequer em Selênio, juro que darei cabo de ti e de tua filha. Só não farei isso se tu fizeres ela voltar para mim. Adeus!* (*Cistellaria* 519-527⁸). Os

⁸ Optamos pela citação da fala adaptada ao teatro representado durante a *I Jornada (vide: Relatório)* a partir da tradução de Aires Pereira do Couto, corresponde a página 53 da tradução (*vide refer. bibliográficas*) e aos versos da *Cistellaria* 519-527:

(...) *Enim uero ita me Iuppiter
itate me Iuno itaque Ianus ita quid dicam nescio.*

diálogos começam a partir de Plauto, então verifica-se questões rotineiras em sua obra, poderíamos destacar outras situações humanas, mas nos atemos a questão do ciúme, não como um elemento psicológico, mas como um elemento literário que se encontra na posteridade (JAUSS *apud* LIMA, 1979).

Um elemento que vai se assemelhar na obra shakespereana, quando Otelo, enlouquece ao saber da suposta traição de sua linda Desdêmona, sentimento instigado por Iago, o Vilão da tragédia. O interessante é que todos eles pensam em matar suas amadas se caso forem contrariados. *Desdêmona – Ai de mim! Fui traída e estou perdida! / Otelo – Sai prostituta infame! Vais chorá-lo na minha frente?*(SHAKESPEARE, 2011, Ato V, cena II). O renascentista também aparece como um receptor desse fato e o transpõe com magnificência em sua obra trágica. Isto é confirmado Heliodora (2008) diz que *a descoberta dos autores latinos foi determinante; Plauto e Terêncio na comédia e Sêneca na tragédia foram apresentados e imitados nas universidades*. Isto quer dizer que Shakespeare conheceu as obras clássicas arcaicas. E não é somente a dramaturga que afirma isso, mas também o biógrafo JOHNSON (1965) faz uma suposta afirmação de que o grande mestre provavelmente conhecia as línguas antigas: “There has always prevailed a tradition, that Shakespeare, wanted learning, that he had no regular education, nor much skill in the dead languages”⁹.

São alusões muito parecidas e que podemos observá-las também no comportamento do Duque de Bragança, o personagem gonçalvino, quando o mesmo quer achar um pretexto para acabar com a vida da esposa. De qualquer forma, mesmo não amando Leonor, este fica louco de ciúmes ao saber que o Jovem Alcoforado

*Iam scio. Immo, mulier, audi, meam ut scias sententiam.
Di me omnes, magni minuti, et etiam patellarii
faxint, ne ego «dem uiuae» uiuos sanium Selenio,
nisi ego teque tuamque filiam meque hodie obruncauero,
poste autem cum primo luci cras nisi ambo occidero,
et equidem hercle nisi pedatu tertio omnis efflixero,
nisi tu illam remittis ad me. Dixi quae uolui. Vale.*

⁹ «Sempre tem prevalecido à tradição, para Shakespeare, o conhecimento do desejo pode ter sido adquirido no ensino regular, mas também por conhecer as línguas mortas» (Nossa Tradução).

está nos aposentados da esposa submissa. *Duqueza - Escutai-me, Sr. Duque: vós ides cometer uma injustiça/ Duque – Injustiça! Um vilão que acha no seu leito dous adúlteros, duas víboras, pode esmagá-los impunemente, eu não poderei fazer? Porque não poderei fazer?* (DIAS, 1846, p. 115).

Dentre os vários vieses em as obras supracitadas permitem abordar, “o ciúme” mostrou-se mais pertinente. Pois com esse viés podemos formar a teia de textos a qual nos propomos. A partir de agora, traçamos esse diálogo com a obra ambígua *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Ter este sentimento para um jovem é certamente um momento singular. Mas deixa de ser tão cômodo quando este se dá em meio a situações desfavoráveis. Há um apego forte entre Bento e Capitu. Ele ama e sente a necessidade de ser amado. Havia uma cobrança maior de seu próprio ego pela atenção que sempre teve, mas que sua amada não preenchia. Ao contrário da obra *Leonor de Mendonça*, o submisso na obra machadiana é o personagem narrador Bentinho. Os indícios de uma pessoa submissa, mesmo na adolescência, ainda aparecem. Mas este se encanta com a beleza de Capitu. Um dos pontos essenciais, considerada a primeira menção do ciúme sentido por Bentinho em relação a Capitu é no capítulo “Uma ponta de Iago” quando Bento Santiago pergunta sobre a amada ao agregado José Dias no seminário na hora da visita, nesse momento desencadeia a primeira crise de ciúme no protagonista: Tem andado alegre, como sempre, é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela. (ASSIS, 2004, p. 86).

Com esta insinuação José Dias faz com que Bento prove o gosto amargo do ciúme, começando a partir daí a cismar e duvidar constantemente da fidelidade de sua amada. Podemos perceber que o autor faz alude a obra shakespereana ao mencionar Iago, o vilão de Otelo. Por isso a importância de inseri-la neste contexto.

Os limites da Estética da Recepção

Como base nos estudos mais antigos, há menções de que nos dias de hoje, exista limites para a Estética da recepção. *Mas, só quem sabe sobre esse limite é a burguesia bem instruída* (JAUSS 1967, p. 5). O teórico se dispõe a falar sobre isso, porque percebeu que a história da literatura, já estava desaparecendo devido a novos estudos.

Há hipóteses que apontam para os poetas de gênero dramático nas obras supracitadas, percebe-se que eles receberam influências de outros autores, porém, tiveram seu modo e seu estilo de produzir seus próprios dramas e apimentaram ao conteúdo das obras com sua própria realidade.

Foucault (1996, p. 375) reforça, *que as ciências humanas, com efeito, endereçam-se ao homem, na medida em que ele vive em que fala e em que produz*. Correlaciona-se com a experiência de mundo do indivíduo leitor. Todavia, ela é a condição para superar o existente e projetar o ainda inexistente, pois, sendo um espaço aberto, permite a invenção do possível como prenúncio de outra realidade (ISER Apud, Pádua Castro, 2008, p. 19). Abre a possibilidade para que o leitor imagine o que não foi dito no texto, causando dessa forma a ficção ou um prenúncio do que ainda não aconteceu e na posteridade pode acontecer. Com isso causando outra expectativa de reflexão. Já não trazendo os fatos de outras sociedades para sua própria obra, mas inventando algo para inseri-las no texto escrito. Dentre tantos gêneros literários, todos podem ter algo ou alguma situação que dialoga uma com a outra.

A poesia é o exemplo clássico, bem como qualquer outro gênero literário, define-se que é um gênero muito importante para a crítica literária. Por causa dela, os outros gêneros literários foram criticados, ouve várias discussões intelectuais em torno do assunto. Segundo Caponnetto (2002, p. 58), *tales características de la verdadera poesia – asi como la imitation y el amor por la harmonia se le presentaban a Aristóteles muy necesarias a la naturaleza humana, porque através de ellas la inteligencia era capaz de descubrir la forma, y sólo la forma es el más empinado fruto de la vida inteligible*¹⁰. Ele se refere a Homero, seu inspirador, porque o estagirita influenciava-se com todas artes, feitas pelo poeta grego, principalmente pelas belas poesias de *Iliada* e *Odisséia*. Aristóteles descreve em sua poética o modelo Homérico e a recepção literária. Enquanto, outros estudiosos *ficavam confinados apenas nos dados*

¹⁰ CAPONNETTO, 2002, 58. «Tais características da verdadeira poesia – assim como a imitação e o amor pela harmonia se apresentavam a Aristóteles muito necessário na natureza humana, porque através desse conhecimento era capaz de descobrir a forma, e só a forma é o fruto mais íngreme da vida inteligível» (Nossa Tradução).

históricos e na sociologia da comunicação literária (JAUSS, 1979, p. 11). Porque não era qualquer indivíduo leitor/autor que podia criar outras produções literárias. Visto que o discurso literário representa poder, e o poder ainda nos dias atuais é retido na mão de poucos. Com um olhar mais sociológico Zilberman (*apud* Gomes, 2008, p. 38), discute sobre essa questão. Porque segue a mesma linha de pensamento do alemão.

Observa-se no posicionamento assumido pelas teorias literárias, a partir da década de 40/50, uma proposta divergente do viés linguístico que até então era utilizado (como nos estudos do *New Criticism*, Formalistas Russos, Estruturalistas). Os teóricos literários envolvidos com a Estética da Recepção, Fenomenologia e Sociologia da Literatura (citada anteriormente) buscaram promover a importância da função do leitor/receptor das obras de arte.

Já os autores dramáticos utilizavam outras técnicas de produção e apresentação, por serem obras apresentadas em cenário. O que há no palco é uma série de responsabilidades nos bastidores. Eles apresentavam suas próprias fruições. São produções feitas para o público, que vão se transformando e revelando a cada apresentação. Mas o que é fundamental, é que não transforma o sentido primitivo. A ideia principal, a que está escrita no drama, não muda.

Considerações Finais

Durante as observações nas obras literárias, mesmo elas diversificadas no gênero literário, foi possível notar que não importa o gênero de cada uma delas, algum elemento as tornam parecidas, elas se dialogam. Comprovamos que quando os autores/leitores se propõem a escrever algo, eles têm como base ou já receberam algum fato ou situação que leram em alguma obra literária.

Portanto, não é de qualquer forma, ou inspiração empírica imediata que os autores criam suas obras. De acordo com Jauss (*Apud* Lima, 1979), eles já trazem muitas informações que receberam de algum lugar. No caso de Plauto, ele teve influências dos greco-romanos, Shakespeare pelas obras mortas, Dias afirma que tentou

imitar a obra shakespeariana e Machado de Assis cita muitas situações de Otelo em suas obras. Por isso, os textos estão interligados e por isso formam uma teia de conhecimentos clássicos.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, Machado de, 1839-1908. *Dom Casmurro*. São Paulo, Moderna, 2004.
- ARISTÓTELES, *Poética*, Trad. Eudoro de Sousa, Lisboa, INCM, 2003.
- CAPONNETTO, Antônio, *Poesía e Historia: Una significativa vinculación*, Buenos Aires, Nueva Hispanidad Académica, 2002.
- COUTO, Aires Pereira do, *Plauto Comédias I*, Lisboa-Coimbra: FLUC-UC, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- DIAS, Gonçalves, obras póstumas. De A. Gonçalves Dias, *Leonor de Mendonça*, vol. 5, org; Antônio Henriques Leal, São Luis, B. de Matos, 1868.
- FOUCAULT, Michael, *A ordem do Discurso*, São Paulo, Edições Loyola, 1996.
- GOMES, Mariana Andrade, «Experiência Estética e Estética da Recepção» *Cadernos do IL 39* (2009) pg. 37-45.
- GRIZOSTE, Weberson Fernandes, «Nas origens do drama e do teatro ocidental. Onde cabe o romance e o cinema?» *Boletim de Estudos Clássicos 59* (2014) pg 153-166.
- ___, *Os Timbiras: os paradoxos antiépicos da Ilíada brasileira*. Coimbra. FLUC, 2013.
- HELIODORA, Barbara, *Porque ler Shakespeare*, São Paulo, Globo, 2008.
- JACOBBI, Ruggero, *Goethe, Shiller, Gonçalves Dias*, Porto Alegre, Faculdade de Filosofia do Rio Grande do Sul, 1958.
- JAUSS, Hans Robert, *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*. Trad. Regina Zilberman. São Paulo: Ática, 1994.
- JOHNSON, Samuel, «Preface to Shakespeare» in NORMAN, Charles (org), *Poets on poetry*, New York, Londres, The Free Press, 1965, cap.108-113.
- LIMA, Luiz Costa, *A Literatura e o leitor: textos de estética da recepção Hans Robert Jauss... et al;* coord. e trad. de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Estudos de História da Cultura Clássica*, Vol. II. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.
- ___, *Estudos de História da Cultura Clássica, Cultura Grega*, Vol. I, Lisboa, Fund. Calouste Gulbenkian, 2003, 390-404.
- PIZARRO, Maria Adelaide Cardona da Nobrega, *Gonçalves Dias e o Drama Romântico*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1970.
- PLAUTO, *A comédia da Cestinha (Cistellaria)*, Trad. Adriano Milho Cordeiro, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010.

PUC-RIO, Certificação Digital nº 0621218/CA, Cf. Pádua Castro, Sandra de, *O imaginário na Construção da realidade e do texto ficcional*. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/atelacotexto/revistatxt5/Sandraartigo.html> acesso em 17/08/2016.

SHAKESPEARE, *Otelo, O Mourão de Veneza*, Ed. Ridendo Castigat Mores, Versão para e-book e e BooksBrasil.com, Fonte Digital www.jahr.org.

SILVA, Maria das Graças Araújo, *Sobre uma face do Romantismo Brasileiro: Leonor de Mendonça e a expressão do teatro romântico, Crátilo*. *Revista de Estudos Linguísticos e Literários 2* (2009), 49-58.

TINOCO, Robson Coelho, *Leitura de Literatura na escola; uma nova relação dialógica*, UnB, S/D.

ZILBERMAN, Regina, «Recepção e Leitura no Horizonte da Literatura», *ALEA 10* (2008) pg. 85-97.

O Valor da Amizade em *As Confissões* de Santo Agostinho de Hipona

Luana Pantoja Medeiros¹¹

Alexsandro Melo Medeiros¹²

Resumo: Este estudo tem por objetivo fazer uma análise do valor da amizade em Santo Agostinho e uma breve comparação com o conceito de amizade verdadeira do filósofo grego Aristóteles. A análise conclui que há aspectos onde as concepções se assemelham, mas que são diferenciadas principalmente pelo ponto de vista cristão de Agostinho.

Palavras-chaves: *amicitia*; cristianismo; virtude.

A amizade em Santo Agostinho

Em sua obra *As Confissões*, que é uma obra autobiográfica, Santo Agostinho relata alguns casos ocorridos com alguns de seus amigos e que o levam a refletir sobre este importante tema. No livro

¹¹ Graduanda em Letras pela Universidade do Estado do Amazonas.

¹² Professor de Filosofia da Universidade Federal do Amazonas; Mestre em Filosofia pela UFPE; Doutorando do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia/UFAM.